

Para uma leitura anarquista de Michel Foucault I: Salvo Vaccaro

For an anarchist reading of Michel Foucault I: Save Vaccaro

FELIPE LUIZ¹

Resumo: O objetivo do presente artigo é debater as possibilidades de uma interpretação anarquista de Michel Foucault, a partir de um texto muito famoso, que ronda os meios virtuais, de um filósofo italiano chamado Salvo Vaccaro. Trata-se, aqui, da exposição de um programa, que compreende três artigos, este e mais dois, onde aproxima-se o pensamento de Foucault, sobretudo as produções da década de 70, a chamada fase da genealogia do poder, com os clássicos do pensamento anarquista, notadamente Malatesta, indicando sendas a serem percorridas, dificuldades inerentes e pré-requisitos de um anarquismo foucaultiano.

Palavras-chave: Foucault. Anarquismo. Vaccaro.

Abstract: The aim of these papers is to discuss the possibilities of an anarchist interpretation of Michel Foucault, taking as basis a very famous text of an Italian philosopher called Salvo Vaccaro. Here we expose a program that comprehends three articles, this here and other two, where we approximate Foucault's thought, specially the 70s production, the so called genealogy of power phase, with the anarchist classical thinkers, notably Malatesta, showing the ways to be wandered, inherent difficulties and the requirements of a foucaultian anarchism.

Keywords: Foucault. Anarchism. Vaccaro.

Introdução

Nossa tese primordial é que entre o anarquismo e Michel Foucault existem muitas aproximações possíveis e, mais do que isto, desejáveis. De fato, parece-nos que o anarquismo nunca teve algo como uma filosofia que o embasasse; queremos dizer, uma filosofia própria. Sabe-se da predileção de Bakunin pelo materialismo histórico, à guisa de Marx, e isto, deve-se ressaltar, dado o mesmo ambiente cultural em que estudaram (a Berlim hegeliana), como também uma mesma relação inicial com Proudhon e todas as lutas operárias que os dois viveram e participaram juntos, culminando com a explosão da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) em duas alas, seguindo, cada uma, e de modos distintos, os pensamentos e práticas propugnados por Marx e Bakunin.

De todos os outros grandes nomes do anarquismo – Kropotkin, Malatesta, Makhno, etc – nenhum se preocupou de dotar o anarquismo de uma filosofia própria, autenticamente sua, que refletisse em um método de análise, do qual

¹ Bacharelado em Filosofia na FFC-UNESP/Marília. Foi bolsista PIBIC-CNPQ atuando no tema Filosofia Francesa Contemporânea (Michel Foucault) e epistemologia política da psiquiatria. Posteriormente, dedicou-se a estudar as relações entre o pensamento de Foucault e o anarquismo. Atualmente, estuda as vicissitudes da noção de "filosofia da guerra", com ênfase em Filosofia Antiga. E-mail: gumapoldo51@yahoo.com.br

decorresse o restante. De fato, entre anarquismo e marxismo há uma diferença brutal neste aspecto; o marxismo elaborou-se primeiro como uma filosofia e método analítico para, depois, ir angariando adeptos, ao passo que o anarquismo, nascido diretamente das refregas, contava com uma base social consideravelmente maior e, por conta desta, teve uma inserção bastante superior, especialmente sobre a forma do anarcossindicalismo e do sindicalismo revolucionário.

Sabe-se que a Revolução Russa, e a ascensão do bolchevismo ao comando de um território equivalente a um sexto do mundo, somado a outros fatores como a ascensão do fascismo e a derrota da revolução espanhola, ucraniana e mexicana, eminentemente libertárias, mudou tudo isto: o marxismo, sob sua forma estalinista, tornou-se a corrente dominante no movimento operário e socialista, de maneira geral; além do que, a Oposição de Trotsky e a Revolução Chinesa de 49, espalharam mundo afora estas duas correntes do pensamento leninista, a trotsquista e a maoísta. O pensamento anarquista resiste em um ou outro lugar de maneira orgânica, reaparecendo, contudo, sempre que as circunstâncias exigem seu vigor e práticas tais quais ele propugna.

Fazemos recurso a algumas citações a fim de dar vazão a estas duas teses iniciais: da inexistência do marxismo no campo operário por um largo período e da ausência de uma filosofia anarquista própria.

120

Anarquismo, Michel Foucault e filosofia

Corpo do Em sua *História da Comuna de 1871*, Lissagaray refere-se a Marx como um aplicador do método de Espinosa às ciências sociais, o que, se pode ou não guardar algum grau de verdade, e não é nosso intento discuti-lo, demonstra um grande desconhecimento do autor, sabidamente hegeliano. De fato, a reminiscência de Lissagaray acerca de Marx diz respeito a sua participação na fundação da AIT (LISSAGARAY, 1929, p. 9). Sabe-se, além disso, que, tal qual previra Marx, foi a derrota da Comuna que colocou a social-democracia alemã no primeiro plano europeu, em uma situação que perdurou por décadas até o surgimento do sindicalismo revolucionário, pelas mãos de socialistas franceses, como reação ao parlamentarismo reinante então (ROCKER, 2007, p. 81-83). De fato, mesmo a tão propalada II Internacional, tinha força relativa; foi a III Internacional, que espalhou o marxismo mundo afora, ajudada pela situação revolucionária criada do mundo pós I Guerra Mundial. Mesmo na Rússia pré-revolução o marxismo era uma corrente diminuta. A sagacidade de Lênin e dos bolcheviques, para alguns seu oportunismo (ROCKER, s/d), que souberam se adaptar ao momento revolucionário reverteu tudo isto. Alçado ao comando do maior país do mundo, o marxismo se espalhou mundo afora.

Quanto à nossa segunda tese, leiamos Errico Malatesta (2009, p. 5): “o anarquismo em suas origens, aspirações, sem seus métodos de luta, não está

necessariamente ligado a qualquer sistema filosófico”. Neste sentido, tanto o *materialismo sociológico* de Mikhail Bakunin (UNIPA, 2007) quanto outras filosofias distintas ou formas de pensamento teriam vez dentro do anarquismo, observados os limites que este impõe. Malatesta pode sustentar esta visão, pois distingue entre anarquismo e anarquia, esta entendida como uma situação social e aquele como um método de atuação rumo à anarquia (MALATESTA, 2009); em outro texto, sobre os meios para se chegar à anarquia, Malatesta reforça este ponto, salientando que, para os anarquistas, o que é importa é o método de atuação (RICHARDS, 2007, p. 69-72).

De fato, para nós, é pela via de Malatesta que a aproximação do pensamento foucaultiano com o anarquismo pode dar-se de maneira mais satisfatória, posto a ênfase ética que Malatesta concede ao anarquismo e, mais propriamente, ao anarquista.

Acreditamos que o pensamento desenvolvido por Foucault, sobretudo aquele dos anos 70 em diante, dito genealógico, é bastante capaz de balizar a teoria anarquista. Tal empreendimento, do qual este artigo deve ser um programa, carece passar por algumas etapas, as quais devem ser: a devida compreensão do pensamento de Foucault, distinguindo e estabelecendo métodos e temáticas; o levantamento e compreensão das tentativas já empreendidas neste mesmo sentido; a compreensão das distintas filosofias anarquistas, ao menos, de maneira geral.

No presente artigo, um rascunho de uma pesquisa completa, temos três objetivos mais ou menos ligados ao plano geral acima exposto. Primeiro, o de analisar um texto muito famoso, chamado *Foucault e o anarquismo* de um autor italiano de nome Salvo Vaccaro. Nele, ao seu modo, Vaccaro dá indicações de como se constituiria esta aproximação entre Foucault e anarquismo. De antemão, dizemos que temos algum acordo com o que Vaccaro aponta, mas discordamos dele, de modo geral, pois não cremos que há de ser com uma posição de indexador ou de banco de dados que possamos levar adiante a fusão pretendida, conforme se verá no curso aqui do artigo.

Nosso segundo objetivo decorre do primeiro: como unir as duas linhas de pensamento? E, talvez mais importante, justificar o porquê desta união; o porquê do anarquismo ter uma filosofia própria, ponderando vantagens e desvantagens envolvidas. Por fim, o terceiro objetivo seria partir de nossos conhecimentos atuais do pensamento foucaultiano para sinalizar as indicações corretas e como prosseguir nesta empreitada e quais seriam as linhas que permitiriam tal aproximação entre este pensamento e o pensamento anarquista.

Eis nosso fito no presente escrito.

Como não proceder: o texto de Vaccaro

Não temos como precisar a data da publicação do artigo de Vaccaro, o que nos impossibilita a elaboração de uma crítica pautada em seu conhecimento bibliográfico do pensamento foucaultiano. Sabe-se o quão importante são os cursos de Foucault, publicados muito depois de sua morte, para a compreensão de seu pensamento. De todo modo, esta lacuna talvez faça falta ao texto de Vaccaro.

O texto de Vaccaro não é senão um ensaio que procede de maneira equivocada desde o ponto de vista da aproximação de Foucault e o anarquismo; ele é bastante tímido, neste sentido. Partindo da famosa afirmação de Foucault, que se reivindicava “anarquista de esquerda” frente ao seu amigo Vuillemin, um epistemólogo das matemáticas, episódio contido em suas biografias (ERIBON, 2004), Vaccaro propõe-se a pesquisar a fundo a questão. Elaborando um excelente levantamento bibliográfico de Foucault, ele levanta as referências de Foucault ao anarquismo em sua produção discursiva: um nome de Bakunin aqui e outro de Kropotkin acolá. Vaccaro ainda aponta que Foucault conhecia anarquistas de seu tempo, como Chomsky e Pierre Clastres. Após isso, arrola exaustivamente as citações feitas por Foucault da palavra anarquismo e congêneres: nas conferências que compõe o volume *A verdade e as formas jurídicas*; no curso *Em defesa da sociedade*, em *Vigiar e Punir*, em conferências, artigos, etc.

Vaccaro concentra-se, depois, em analisar os comentadores de Foucault que o identificam como libertário, anarconietzschiano, anarcoexistencialista, anarconiilista, ou que o ligam a Max Stirner, afirmam-no anarquista moderno ou neo-anarquista, e toda sorte de bizarrices e neologismos que se pode pensar. Ao que nos parece, pouco se diz aí, de fato, de anarquismo.

As considerações propriamente teóricas de Vaccaro sobre o anarquismo são poucas. A primeira, com a qual concordamos, é em uma dita *leitura anarquista do texto*, quer dizer, a não reverência aos nomes; um procedimento de leitura não ortodoxo ou hierárquico. Afora isto, nosso autor somente pontua.

Vaccaro considera que o anarquismo que Foucault reivindica diante de Vuillemin diz respeito a sua posição referentemente aos saberes sujeitados e menos a uma identidade anarquista propriamente falando.

Além do que, as concepções de poder de Foucault chocam-se frontalmente com as clássicas visões anarquistas; primeiro, porque o Estado era a única forma de poder propriamente falando para aqueles teóricos, o que Foucault recusa; segundo porque, para Foucault, o poder não é somente negativo, possuindo amplas capacidades produtivas. De fato, seja Foucault seja Vaccaro, erram neste ponto, ao imputar este pensamento aos autores anarquistas; a crítica nodal feitas por autores como Bakunin diz respeito ao princípio de autoridade, sendo tanto o estado quanto a igreja as duas instituições fundamentais que decorrem dele (BAKUNIN, s/d, p. 54); mas também é fato que, desde nossos conhecimentos teóricos atuais, não existe

neste anarquismo clássico, um poder como positivo: à autoridade contrapõe-se a solidariedade social, que não é entendida como forma de poder.

Outro ponto que aproximaria Foucault dos anarquistas, continua Vaccaro, seria sua negativa na tomada do poder, que dizer, do Estado: Foucault não só nega esta concepção, como também não quer alçar-se ao controle do estado. Por nossa conta, marcaríamos as críticas de Foucault aos processos eleitorais, seu abstencionismo e recusa em qualquer candidato (SEHELLART, 2008).

Vaccaro aponta, corretamente, que a política para Foucault tem um caráter de *ethos*; queremos dizer, uma ação política foucaultiana passaria necessariamente por uma ética, pela constituição de algo como uma subjetividade libertária, pela recusa em deixar-se governar. Não só acordamos perfeitamente com este ponto, como ele nos será nodal, dadas nossas intenções.

A crença em uma ordem natural ou na bondade intrínseca ao homem seria outro ponto que teria afastado Foucault do anarquismo, segundo Vaccaro. Em fato, talvez as versões naturalistas ou espontaneístas de anarquismo possam ter este aspecto; mas não nos parece ser exato que isto deva ser apontado como um traço marcante do pensamento anarquista. Sabe-se das insistentes críticas de Bakunin a Rousseau bem como às teorias do livre-arbítrio; Bakunin nega tudo isto em benefício da noção que os seres humanos são frutos de seu meio (BAKUNIN, s/d). Nossas referências a este ponto iriam longe; mas cremos que um único ponto deva servir como argumento provisório: note-se o quão importante é, para o anarquismo, o debate organizacional; ora, seja o anarcossindicalismo seja o anarcocomunismo de Malatesta, ou inúmeras outras correntes, não travariam com tanto ardor este debate organizacional se o caso da ação política fosse acabar com um recalque; como se bastasse fazer cair os véus do Estado e do capital para que a harmonia social se visse desvelada. Ora, a este respeito, e a crítica a esta noção espontaneísta, recomendamos um texto de Malatesta sobre Kropotkin, onde ele faz a devida crítica ao espontaneísmo e otimismo de Kropotkin (RICHARDS, 2007).

Vaccaro fala de uma sensibilidade libertária de Michel Foucault, que lhe daria um amplo espectro analítico, debruçando-se em temáticas desinteressantes a esquerda marxista, ao menos até aquele momento. Levado para o campo estratégico, esta predileção de Foucault pelos deserdados desta terra pode muito bem ser pensada em termos de centro e periferia, noção largamente desenvolvida dentro do pensamento anarquista contemporâneo; trata-se, em suma, da noção de que os sujeitos por trás das transformações sociais são periféricos; uma periferia é um campo dominado por um centro (DE JONG, 2008)². Evidentemente, existem diferenças, mas esta é outra senda a ser desenvolvida.

² Abordamos este aspecto em outro artigo, intitulado “Genealogia e relações de centro-periferia”, 2017, no prelo.

De outro lado, e por fim, Vaccaro faz duas indicações interessantes. A primeira seria que, dado o caráter ético da política em Foucault, seria mister alterar comportamentos e buscar subtrair-se das relações de poder. A primeira asserção é correta, posto que a ação libertária pressupõe uma coerência entre vida pública e vida privada e entre teoria e prática, o que muitos autores libertários já insistiram. Quanto à segunda, acreditamos que ela seja equivocada desde o ponto de vista da interpretação foucaultiana e do anarquismo simultaneamente. O poder tem em Foucault algo de inescapável; nossa sociedade moderna é estruturada por relações de poder, que estão em seu cerne, que lhe correm nas veias. Balizados por este ponto de vista, não acreditamos que seja possível escapar das relações de poder desde uma base política foucaultiana. De outro, cremos que a posição de Vaccaro pode levar a um pensamento político parecido ao de Hakim Bey, com sua Zona Autônoma Temporária (BEY, s/d). Discordamos pesadamente desta perspectiva, que M. Bookchin chama de *anarquismo de estilo de vida* (BOOKCHN, 1995), embora possamos ter acordo com as preocupações que as motivaram, a das revoluções terem sempre dado origem a tiranias (BEY, s/d).

Em síntese, conforme indicamos, existem pontos positivos no texto de Vaccaro, mas ele erra em muitos outros. Seu texto há de servir como uma introdução a uma interpretação anarquista do pensamento foucaultiano. Vaccaro, porém, peca ao não indicar as linhas fundamentais desta construção.

Da necessidade de uma filosofia anarquista

Dentre as grandes tendências políticas produzidas pela modernidade, a filosofia as baliza. Assim como quando a sociedade movia-se segundo os desígnios dos curas, e toda teologia servia de justificação à ordem posta e ao *status quo* também a burguesia, sem que tivesse consciência plena do mundo a porvir, fez produzir toda uma doutrina econômica e filosófica que lhe desse guarida. Ou, antes, o mesmo movimento histórico, as mesmas disputas de interesses que produziram a burguesia e a modernidade fizeram surgir a economia política, concedendo todo o impulso.

Do mesmo modo, como que preparando o terreno para as grandes batalhas sociais do século XX, aquela mesma filosofia que justificara o regime dos clérigos e dos monarcas e que agora, transmutando-se, justificava o reino da empresa e da burocracia. Na verdade, surgiram não bem filosofias no sentido outrora tido, mas formas de pensamento, elaborações táticas, estratégias, saberes de lutas acumuladas, relatos das guerras obscuras transmutados em saberes claros que desvelavam esta coisa nova: interesses, posto que o sujeito de interesse é uma coisa nova (FOUCAULT, 2008).

Desde de um Fourier até Marx, há muitas coisas entre um e outro. Há pensadores desconhecidos que a historiografia dominante tenta apagar. As editoras

não publicam e deles, quase nada se sabe. Quantos já ouviram falar de um Cabet? Quem sabe dizer quem foi Vitor Considerant? Um regime político do discurso, sem dúvidas.

O surgimento de novos interesses na sociedade europeia-ocidental, fruto de inúmeras lutas, engendrou seu saber. Este saber teve muitas formas. E o marxismo ocupa um lugar chave. Nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, escritos em 1844, Marx busca mostrar que a origem do direito, da moral, da filosofia, etc., reside na economia, nas relações de produção e reprodução. Desta união, surgem novas respostas para velhos problemas; ao elaborar sua teoria, Marx chega a um método; este método, ao analisar uma sociedade, engendra uma filosofia política, a qual dará origem a muitas estratégias distintas, especialmente no século XX.

Sabe-se bem que, após a cisão da AIT, a ala “marxista”, estruturada em torno, sobretudo, do que viria a ser a social-democracia alemã, era a minoria, conquanto a ala “libertária” era a maioria, particularmente em países que viriam a estourar os maiores conflitos europeus do século seguinte. A Comuna de Paris, Espanha, Itália, etc., em todos estes lugares, a predominância era da ala libertária. Na França, o pensamento de Bakunin daria origem a uma das estratégias mais utilizadas do movimento operário: o anarcossindicalismo e, também, o sindicalismo revolucionário. Sob o impulso dos trabalhadores latinos, que imigravam para as Américas, a classe operária realizou mundo afora as lutas de seu período heróico; sindicatos proibidos, deportações, prisões arbitrárias, campos de concentração, etc.

Em fins do século XIX, as táticas de cunho libertário – quer dizer, antiestatistas – dominavam o movimento operário radicalizado. Eram greves e formas de luta mais que selvagens. Aos poucos, contudo, o quadro foi revertendo-se e estas estratégias foram perdendo força; na França, onde surgira o novo sindicalismo, ainda antes da Primeira Guerra Mundial, a Confédération Générale du Travail (CGT) já estava dominada por reformistas e chauvinistas de toda ordem. O apoio dado ao governo pela CGT quando da Grande Guerra mostra bem a derrota daqueles sindicalistas que tinham claro que, diante de uma guerra imperialista, a tarefa dos operários era a derrubada do sistema; destruir o inimigo interno: as respectivas burguesias e governantes.

A Revolução Russa e a ditadura bolchevique que se implantou, pouco depois, fizeram esta tendência ganhar forças. A ascensão do fascismo e a estatização dos sindicatos, bem como a conquista de inúmeros direitos por parte dos trabalhadores, além de deficiências internas, provocou um recesso geral do anarquismo. Em poucos lugares, ainda restava um movimento organizado e, mais importante, com base social.

Dos poucos lugares onde conseguiu sobreviver, destaca-se a Espanha. Pouco tempo depois, nas décadas de 30, o anarquismo espanhol viu-se envolvido em

insurreições e processos revolucionários. Malgrado derrotado, pela coligação internacional de fascismos, estalinistas e burguesia liberal, e, sem dúvidas, pela atuação dos anarquistas notáveis ou governamentais, como G. Olíver ou Montseny, o anarquismo espanhol deixou uma grande obra construtiva atrás de si. E gerou, por seu turno, muitos intelectuais do anarquismo: historiadores, cientistas políticos, sociólogos, economistas, etc.

Do mesmo modo, a revolução russa, especialmente a Ucrânia, fez surgir muitos intelectuais libertários que trataram de elaborar o balanço das derrotas. Ocupando o lugar de estrategos, os anarquistas russos deixaram muitos textos, forjando documentos centrais para a prática política libertária posterior. Mas aquele anarquismo estava morto. Por muitos anos, toda a força e vigor das ideias libertárias vieram do grande rival do anarquismo, de seus dissidentes. Muitos eram críticos ferozes do anarquismo, resquício de seu passado social-democrata. Um Mattick é tão duro com o anarquismo como com o bolchevismo. Quer dizer, embora os chamados conselhistas, o racha à esquerda da social-democracia, tenham continuado a obra teórica construtiva do anarquismo, em termos da centralidade da autogestão, ou da necessidade de organizações horizontais, ainda assim, não deixaram seus preconceitos social-democratas de lado. Dito de outro modo, mesmo nos marxistas ditos libertários, de onde se poderia esperar o mínimo reconhecimento, há ecos da cisão da AIT. As exceções podem ser contadas nos dedos, dentre as quais destaca-se Mauricio Tragtenberg, que escreveu artigos elogiosos sobre Malatesta³ e prefaciou Rudolf Rocker, malgrado tenha sido⁴ demasiado agressivo com Mikhail Bakunin em benefício de Karl Marx: ressonâncias de um passado?

126

Mesmo em Trotsky ou em Rosa Luxemburgo vemos, após os eventos russos, um eco de anarquismo, notadamente no papel a desempenhar os camponeses e a atitude frente a eles. Se o anarquismo perdeu força mundo afora por inúmeros fatores, sua fraqueza filosófica cumpriu seu papel. Veja que tal debilidade reflete-se na ausência de uma analítica própria, tornando o anarquismo refém de interpretações de outras correntes, notadamente do marxismo. Malatesta argumenta asperamente contra a influência nefasta do marxismo no seio do movimento anarquista (RICHARDS, 2007). O mesmo faz Fabbri, no texto sugestivamente chamado de *Influências burguesas sobre o anarquismo* (FABBRI, s/d). Note-se que ele, contudo, não se refere ao marxismo com tal epíteto, falando, inclusive, contra a excessiva violência nos debates entre as duas correntes.

³ TRAGTENBERG, M.; *A atualidade de Errico Malatesta*, disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Sociologia/artigos/malesta.pdf acessado em 29/11/2017

⁴ TRAGTENBERG, M.; *Marx/Bakunin*, disponível em <http://redelp.net/revistas/index.php/rma/article/view/03tragtenberg05/502>, acessado dia 29/11/2017

Obviamente que o anarquismo tem seus pensadores. E, talvez, tenha tido mesmo seus filósofos. Mas, parece-nos, nunca teve um método analítico próprio. E, caso estejamos errados, nossa tentativa em tentar elaborar uma visão anarquista de Michel Foucault não chocar-se-ia, necessariamente, com as tentativas prévias. Ao contrário, pensamos, enriqueceriam o repertório intelectual do movimento, o que contribui, de uma ou outra forma, com uma analítica mais segura e princípios mais bem estabelecidos.

Para que uma filosofia anarquista? Em fato, o anarquismo possui distintas estratégias. Ele sempre conseguiu cumprir seu papel de catalisador das lutas sem fazer recurso a uma filosofia. É fato, e não afirmamos o contrário. As lutas sociais ocorrerão com ou sem teorias que as compreendam; mas, não há menor sombra de dúvida de que tanto maior a compreensão dos processos e das tarefas, tanto mais a possibilidade destas lutas lograrem seus objetivos. A elaboração teórica significa a elaboração estratégica. Temos, pois, isto claro.

De toda forma, enxergamos quatro ordens de argumentos favoravelmente à constituição de uma filosofia anarquista e, mais propriamente, à leitura anarquista de Michel Foucault.

1. A primeira é ordem tática: a filosofia construiu-se historicamente. Assim como existiu um Auguste Comte, também houve um Karl Marx. Assim como existiu um Herbert Marcuse, vimos alguém como Karl Popper. Queremos dizer, a filosofia coloca alguns problemas fundamentais para a sociedade e está na raiz da modernidade, do surgimento do Ocidente. Não acreditamos em algo como o fim da filosofia, posto que, do contrário, não estaríamos escrevendo o presente ensaio. Disputar a filosofia com outras posições políticas, tentando dar respostas condizentes com o anarquismo, tem um caráter tático claro, contribuindo para, em algum grau, aumentar as liberdades frente a seus detratores tantos.
2. A segunda ordem de argumentos também é tática. Compreenda-se a importância do pensamento de Michel Foucault. Ele reflete sobre problemas fundamentais da vida contemporânea e pregressa; por meio da senda por ele aberta, toda uma série de questões desvalorizadas pelo estalinismo e, mesmo, pelo anarquismo clássico tomaram outros ares. Amplamente difundido, disputar a interpretação de Foucault significa fazer a propaganda das ideias, eixo este sempre ressaltado por grandes anarquistas, dentre os quais Malatesta e Bakunin.
3. De ordem estratégica: conforme apontamos, Michel Foucault elabora uma reflexão acerca da modernidade; em seu linguajar, ele faz a ontologia do presente. Compreender seus posicionamentos significa aclarar o caráter da modernidade, logo, nas mais coetâneas formas de dominação e exploração econômica. O mais importante, cremos, desta apropriação libertária do pensamento foucaultiano seria da ordem do método; a genealogia constitui um poderoso instrumento analítico

antimetafísico, e permite a clareza das tarefas a serem cumpridas. Para nós, sendo a dialética, ela mesma, uma forma de metafísica, a genealogia reveste-se de ouro.

4. Por fim, apontamos um argumento de ordem organizacional. Sabe-se que boa parte das divisões nos seio do anarquismo, bem como das demais correntes, decorre das distintas interpretações dos fatos, de onde advêm posições táticas tão diferentes como de Marx de Nietzsche. Desde nosso ponto de vista, e observada a carência filosófica do anarquismo, Foucault pode ser interpretado no sentido de dar alguma unidade analítica ao movimento, e contribuir, ao menos com um passo, nesta unidade.

Por fim, note-se que nosso intuito não é rasurar o anarquismo, ou tão pouco fazê-lo a nossa imagem e semelhança. Temos, sim, a pretensão de contribuir em um duplo debate. Primeiro aquele referentemente a Foucault e a interpretação de seu pensamento. Segundo, buscar dotar o anarquismo de uma metodologia de análise própria que, ao nosso ver e dentro dos limites de nosso conhecimento, não existem; antes que os bakuninistas se descabelem, fazemos notar as semelhanças filosóficas entre Bakunin e Marx, já apontadas alhures. Somos sinceros admiradores de Bakunin, do ponto de vista teórico e do ponto de vista prático; mas reservamo-nos no direito de não concordar com algumas de suas análises, especialmente porque em muitas mal se poderia notar a origem não marxista. Reservamo-nos o direito de uma interpretação anarquista do texto, diria Vaccaro, sem que tenhamos de fazer referências ao Nome.

128

Indicações para a fusão de Foucault e o anarquismo

Talvez muito por fruto do peso intelectual do marxismo ou, senão, por uma questão de estratégia tem-se o costume de unir em um mesmo guarda-chuva *O anarquismo*. De fato, existem muitos pontos de contato entre os distintos matizes desta tradição política; mas, ai de nós! Quantas diferenças. Elas concernem não somente a questões táticas, como apoiar ou não apoiar a I Guerra Mundial, famosa polêmica capitaneada por Kropotkin e Malatesta; ou estratégicas, concernentes, por exemplo, com constituir ou não uma organização específica de anarquistas. Dizem respeito, mesmo, às questões teóricas de mais alto grau. Assim, há anarquistas partidários de fusão de todas as correntes do anarquismo em um anarquismo único, os chamados sintetistas, e aqueles que reputam tal tentativa impossível ou infrutífera, por exemplo.

Deste modo, a fusão entre Foucault e o anarquismo deve perpassar pela definição de qual anarquismo quer-se fundir com o pensamento de Foucault. Não é possível, por exemplo, fundir algo como um anarquismo de corte bakuninista, pautado no materialismo e na dialética, com um Foucault profundamente antihegeliano e antidialético; não é possível que se misturem teorias que aceitam a

ideologia, em sua conceituação marxista (veja-se bem!), com teorias que não a aceitam.

Todo anarquismo que queira se embasar em Foucault não pode, a nosso ver, possuir algumas características.

1. Não pode pretender-se científico; boa parte do intento histórico-filosófico foucaultiano consistiu em denunciar os efeitos de poder que as ciências veiculam, a ponto de, posteriormente, ele se valer do conceito de *aleurgia* – produção de verdade pelas relações de poder (FOUCAULT, 2007) – como necessário a todo exercício de poder. Por outro lado, isto não significa rasgar os tratados científicos ou a montagem de novos casos Lissenko⁵. A recusa anticientífica, em Foucault, tem um duplo papel: não hierarquizar, na análise, os discursos (discurso do psiquiatra e do louco; ou do médico e de seu paciente; ou, para os marxistas mais afoitos, o do proletário e seu administrador). Ambos devem compor uma analítica, dentro de um objetivo genealógico mais geral. Além do que, Foucault delinea um novo papel do intelectual na modernidade, o intelectual específico, como o cientista em seu laboratório. Este pode cumprir papéis importantes em processos de luta, e nisto deve ser valorizado: diante de fatos como do caso Oppenheimer ou da importância crescente do saber científico para o capital. Trata-se, aqui, de um ponto a ser ressaltado.

2. Tampouco se pode, em uma grade teórica foucaultiana, aceitar-se qualquer tipo de teleologia, fatalismo ou determinismo histórico ou sociológico. A história deve ser entendida como um processo belicoso, e, como tal, sujeito às viragens e demarcações próprias da guerra. Do mesmo modo e ao contrário, qualquer teoria pautada em visões societárias focadas em apagar as lutas do corpo social ver-se-ia impossibilitada de seguir seu percurso nesta senda que tentamos traçar.

3. As dialéticas aqui também não têm vez. A crítica fundamental de Foucault à dialética passa pela sua denúncia como um instrumento incapaz de compreender a lógica das lutas. Tal qual a serpente que desfaz de suas escamas a fim de majorar-se, reconheçamos o papel da dialética na formação do pensamento socialista, mas livremo-nos de suas limitações. As imposturas da dialética, muito mais que suas aventuras, já demonstraram demasiadamente seus erros e impossibilidades, especialmente ao longo do século XX. Em último caso, como justificativa, diria nosso professor J. C. Bruni, em um curso na UNESP-Marília, “*a dialética é uma forma extremamente pequena de pensamento*”.

4. Não há espaços para centralismos ou reduções identitárias em Foucault. A história, ela mesma, é aberta e profundamente diferente de si. Isto vale, cremos, tanto para a analítica quanto para a ação política. A análise compreende as coisas

⁵ Famoso caso soviético, onde um biólogo marxista tentou elaborar uma teoria biológica também marxista. Protegido pelo estalinismo, suas ideias aplicadas resultaram em péssimos resultados agrícolas e queda na produção.

como se dão em seu próprio campo, compreende sua formação específica. Trata-se de algo como uma visão global que teria de ligar-se, posteriormente, em um quadro analítico mais amplo. Não se nega, por exemplo, as ligações entre a escola e a prisão; tampouco que tenham pontos em comum. Devem, entretanto, ser compreendida em suas formações próprias: a palavra chave é a *série*; são séries distintas; integremo-las, depois, em um quadro, a fim de ver suas ligações e reciprocidades. Foucault chama isto de *lógica estratégica*.

5. Heresia: nenhuma referência ao nome, nenhum dogmatismo, nenhuma ortodoxia, ou qualquer destas atitudes escolásticas. Não devemos ter problema em fazer críticas sinceras. Foucault errou em inúmeros momentos de sua vida. Como, enquanto anarquistas, cremos na coerência entre vida pública e privada, mesmo não sendo Foucault um anarquista, em hipótese nenhuma – quando muito teve lampejos anarquistas – cobramo-lo nisto; teve atitudes deploráveis ou, e outros casos, questionáveis. Por exemplo, para ficarmos em uma posição batida, suas ligações com a revolução iraniana, malgrado estas, demandem necessário esclarecimento.

6. Não ser apocalíptico ou maximalista. Uma teoria da ação política libertária em Foucault, claramente, uma estratégia foucaultiana, passa por algo como um modelo de guerra; na guerra, luta-se por posições, conquista-se. Do mesmo modo, a ação política cotidiana não resolve todos os problemas do universo. As lutas contra o *hegemon* têm um papel nodal em Foucault.

7. Anti-humanismo metodológico. Não partir ou passar por análises que tomem o homem, do ponto de vista do *método*. Há variados motivos para tal. Não queremos ser psicólogos de nenhuma maneira; tampouco os cristãos sem deus; menos ainda, não queremos submeter a história a uma significação ideal: abaixo a todos os *eidos*. Queremos, sobretudo a história. Assim, compreenda-se a história da história e a história do homem cujo aparecimento, enquanto princípio de método, ou objetivo de método é recente. Não nos coloquem afirmações sobre necessidades fundamentais do homem: a necessidade é fruto da contingência, o que significa dizer, que as necessidades mudam. Isto implica, por outro lado, compreender o duplo sentido da palavra sujeito, e uma asserção de que o sujeito libertário constitui-se nas lutas contra as distintas formas de assujeitamento. Por outro lado, significa fugir, ao mesmo tempo, de análises de consciências que fundamentam, a nosso ver, qualquer coisa como um governo dos intelectuais, bem dito, da vanguarda de cariz kautskiana-leninista. Esta recusa deve dar fundamento a algo como a teoria de uma minoria ativa. Já é hora de nos livrarmos de análises de sujeitos fundamentais; não por preciosismo teórico, mas porque são profundamente enganosas. Prefiramos o mundo à nossa teoria: a revolução inglesa ainda não veio, ao contrário do que previa Marx.

8. Antiobjetivismo. Não fundar nossas análises em necessidades objetivas, como se o próprio mundo fosse nosso aliado nas lutas. A transformação social deve

encontrar seu fundamento em qualquer coisa como um *ethos*, a organização de um costume. Não houve força neste mundo que dobrasse os pastores montegrinos, nem os croatas, nem os titistas; acostumados a sua liberdade, mantiveram-na. Ainda hoje não se conseguiu dobrar pastores afegãos, que derrotaram dois imperialismos distintos.

Vê-se, pois, que muitos destes pontos se imbricam ou decorrem uns dos outros. Do mesmo modo, são perceptíveis incongruências que devem ser resolvidas ou, no mínimo, minimizadas. A teoria tem de servir como elemento que aumente o efeito das resistências, contribuindo em sua organização e ampliação.

Creemos, pois, que, assim como estes elementos presentes na análise de Foucault, são fundamentais para a análise, outros tantos a dificultam. Isto especialmente se tomarmos em conta outras coisas.

Conclusão

Saliente-se que Foucault não era um revolucionário, conquanto o anarquismo é precisamente, conforme vimos, um método de destruição da opressão política e da exploração econômica. Por ser fortemente antimarxista e antimetafísico, além de dar conta das principais reflexões da modernidade, Foucault é procurado por toda sorte de escroques que querem utilizá-lo para seus próprios fins e princípios. Isto não deve nos assustar; do mesmo modo Hegel embasou seja os nacionalistas prussianos quanto o marxismo e Bakunin. Trata-se de uma disputa pelo sentido de seus textos, e cremos possível dar-lhes um viés libertário.

As maiores dificuldades para esta leitura residiriam, primeiramente, na questão do sujeito; depois, por extensão, na questão da organização e do programa revolucionário. Ter-se-ia que determinar o papel da arqueologia neste processo todo, dado que, enquanto tributária do estruturalismo, tinha como preocupação exclusiva a descrição, nunca a transformação.

Já salientamos acima quais as tarefas daqueles preocupados em dar este viés anarquista ao pensamento foucaultiano. A primeira e mais fundamental, posto que as demais decorrem desta, deve consistir em uma sistematização do método de Foucault. Sabe-se o quão tributário de Nietzsche Foucault foi, mas há grandes diferenças entre sua genealogia e a genealogia nietzschiana. Cumpre, pois, aclarar esta diferença. De outro lado, após este trabalho metódico sobre o método, é mister compreender os três tempos problemáticos da reflexão foucaultiana sobre a política: a anatomopolítica (1970-75), a biopolítica (75-79) e as questões de governo e subjetivação (79-82).

Esta divisão temática tem lá seus inconvenientes. Ela segue, sobremaneira, os cursos de Foucault no Collège de France. Seus livros também entrariam nesta divisão, mas são mais opacos a ela. O primeiro volume da *História da Sexualidade*,

por exemplo, tanto em uma anatomopolítica quanto em uma biopolítica e também na genealogia do governo.

Vimos, portanto, as dificuldades e facilidades do caminho a ser traçado. Consideramos o artigo de Vaccaro inadequado no que tange à aproximação entre Foucault e o anarquismo, ao mesmo tempo em que salientamos suas qualidades. Elaboramos breve histórico do socialismo, distinguindo anarquismo e marxismo, marcando diferenças e aproximações. Por fim, arrolamos algumas características do pensamento foucaultiano, sobretudo na fase genealógica, indicando quais são seus limites, e quais características deve possuir um pensamento libertário que vise se apropriar do pensamento de Foucault.

De todo modo, temos conforme se viu, no correr do artigo, a mais plena certeza da possibilidade de uma leitura anarquista de Foucault. Dentre as diversas correntes deste, pensamos que é em Errico Malatesta, por suas características, que esta ligação pode ser mais fecunda. E isto tanto por suas concepções táticas quanto por sua estratégia. É nesta direção que seguiremos nosso trabalho.

Referências

- BAKUNIN, M. *Deus e o estado*. São Paulo: Imaginário, 2002
- _____. *Programa e objetivo da organização secreta revolucionária Irmandade Internacional*, disponível em http://pt-br.protopia.wikia.com/wiki/Programa_e_Objeto_da_Organiza%C3%A7%C3%A3o_Secreta_Revolucion%C3%A1ria_Irmandade_Internacional acessado em 29/11/2017
- BEY, H. *TAZ. Zona Autônoma Temporária*. São Paulo: Conrad, s/d.
- BOOKCHIN, M. *Social anarchism or liestyle anarchism: an unbridgeable chasm*, s/l, AK Press, 1995.
- ERIBON, D. *El infrecuente Michel Foucault: renovación del pensamiento crítico*. Buenos Aires: Letra Viva, 2004.
- FABBRI, L.; *Influencias burguesas sobre el anarquismo*, disponível em <https://www.anarkismo.net/article/14546>, acessado em 29/11/2017.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. *Do governo dos vivos*. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2007.
- _____. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- LISSAGARAY, H-P. O. *Histoire de la comunne de 1871*. Paris: Librairie Marcel Rivière et Cie, 1929.
- MALATESTA, E. *Anarquismo e anarquia*. São Paulo: Faísca, 2009.
- _____. *Pedro Kropotkin. Recuerdos y criticas de un viejo amigo* in RICHARDS, V. [org]; *Malatesta – pensamiento y acción revolucionários*, Buenos Aires: Tupac, 2007.
- RICHARDS, V. (Org). *Malatesta – pensamiento y acción revolucionários*, Buenos Aires: Tupac, 2007.
- ROCKER, R. *Anarcossindicalismo: teoria y practica*. 2. ed. Barcelona: Nueva Senda, 1978.

LUIZ, F.

_____. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*. São Paulo: Hedra, 2007.

SENNEART, M. “Situação do curso”, in FOUCAULT, M. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

UNIPA; *Ir ao povo: as tarefas do proletariado e dos anarquistas diante da ofensiva neoliberal*, Série Documentos, Política & Teoria, vol. 3, 2007.

Submissão: 22. 05. 2018 / Aceite: 25. 06. 2018.